



PARANINFO DIGITAL

MONOGRÁFICOS DE INVESTIGACIÓN EN SALUD

ISSN: 1988-3439 - AÑO X – N. 25 – 2016

Disponible en: <http://www.index-f.com/para/n25/177.php>

PARANINFO DIGITAL es una publicación periódica que difunde materiales que han sido presentados con anterioridad en reuniones y congresos con el objeto de contribuir a su rápida difusión entre la comunidad científica, mientras adoptan una forma de publicación permanente.

Este trabajo es reproducido tal y como lo aportaron los autores al tiempo de presentarlo como COMUNICACIÓN ORAL en “LA ENFERMERÍA COMO INTEGRADORA DE SABERES” V SIAHE – Simposio Iberoamericano de Historia de la Enfermería, III Foro I+E Reunión Internacional de Investigación y Educación Superior en Enfermería, reunión celebrada del 11 al 12 de noviembre de 2016 en Granada, España. En su versión definitiva, es posible que este trabajo pueda aparecer publicado en ésta u otra revista científica.

Título **Visibilidade do uniforme do Enfermeiro/Enfermeira na internet**

Autores Denise Cristina Fumis, Geissa Pereira de Sousa Oliveira, Luciana Barizon Luchesi, Juliana Cristina dos Santos Monteiro

Centro/institución Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo

Ciudad/país Ribeirão Preto (São Paulo), Brasil

Dirección e-mail luchesi@erp.usp.br

TEXTO DE LA COMUNICACIÓN

Introdução

Na área da saúde, a profissão de Enfermagem se destaca pelo seu contexto de trabalho em prol do cliente, dentro e fora do ambiente hospitalar. Como no mundo do trabalho ocorrem diversas mudanças, na Enfermagem não é diferente. Com o avanço das técnicas desempenhadas no cuidado ao paciente, o uniforme do enfermeiro foi testemunha dessa evolução e ele mesmo também foi alvo dessas transformações.¹ Por sua representatividade social, o uniforme do enfermeiro, ou a representação deste, tem sido a fonte para diversos estudos em História da Enfermagem e História da Moda.

O uniforme, refere-se a um “tipo específico de vestimenta para determinada categoria de indivíduos”, que qualifica tais pessoas como pertencentes a determinados grupos/instituições, portanto torna-se uma norma social para inclusão nesses grupos.² Portanto, o uniforme despersonaliza o indivíduo, pois o coloca sob censura da autoridade para qual ele é exigido; disciplina e padroniza atitudes e comportamentos, esconde desvantagens físicas e psicológicas, passa a ideia de confiança e dignidade, colaborando para a construção da imagem social de determinado grupo/instituição.³ Nessa perspectiva, o uniforme do enfermeiro deveria transmitir as qualidades profissionais e moldar sua imagem social.²

Inicialmente o uniforme do enfermeiro do sexo feminino teve origem no “ideal Vitoriano” que agregava aspectos atrativos, femininos, mas com modéstia, tornando-se meio onde se convergiam ideais de moda e moral.⁴ A tentativa de padronização do uniforme do enfermeiro ao redor do mundo também era reflexo da difusão do modelo

Nightingaleano, a partir do século XIX, e a tentativa de novas escolas apropriarem-se do modelo de uniforme da Escola de Enfermagem de Florence Nightingale.

A imagem da profissão foi marcada pelo uniforme, que se tornou importante símbolo de representação da Enfermagem, por ser utilizada durante atividade laboral. Nesse sentido, é possível, inclusive, elencar alguns símbolos internacionalmente utilizados, em diferentes momentos da história, como o próprio uniforme, avental, véu e a touca.⁵ Estudos sobre o uniforme do enfermeiro colaboram para discussões sobre identidade profissional. Observa-se que o uso do uniforme dos enfermeiros pode vir a transmitir aos pacientes, além de um valor simbólico, ideais de profissionalismo e segurança.

No universo da internet, as informações veiculadas, fidedignas ou não, tem influenciado opiniões e atitudes. Entre essas, a representação do enfermeiro, especificamente do uniforme da Enfermagem, podem levantar questionamentos da validade das informações que são veiculadas, podendo inclusive, influenciar escolha de carreira. Considerando que a internet se tornou o mais importante meio para obtenção de informação médica e de saúde, alguns estudos têm analisado os resultados dessas ferramentas de busca para avaliar a qualidade das informações disponíveis para os usuários.⁶

Apesar de essas ferramentas ocuparem um espaço significativo na obtenção de informações médicas para profissionais e leigos, ainda não houve exaustivas análises e avaliações sobre a qualidade das informações disponibilizadas nesses sites. Sobre a avaliação da qualidade, estudo recente apontou que as quatro principais ferramentas de busca, que utilizam cálculos para ordenamento de resultados, quando avaliados sites para busca de informações sobre câncer de mama, observou-se que a ordem de aparição dos resultados apresentou algumas armadilhas, que precisam de melhorias, para que as informações encontradas nos primeiros resultados sejam mais acuradas e úteis. A ferramenta de busca Google está entre as quatro mais importantes ferramentas de busca da atualidade.⁶

Considera-se, portanto, importante avaliar como o uniforme do enfermeiro e o próprio enfermeiro em si estão sendo representados na ordenação de resultados dessas ferramentas de busca. Para esse fim o presente estudo tem como objetivo descrever a visibilidade do uniforme do enfermeiro/enfermeira e os símbolos apresentados junto a esse, como forma de representação, utilizando a ferramenta de busca Google em sua versão brasileira (www.google.com.br), com posterior delimitação específica para o Google Imagens.

Metodologia

O presente trabalho trata-se de estudo quanti-qualitativo, de abordagem histórica. Os estudos históricos buscam analisar determinados fenômenos e sua relação com o tempo. Nesse sentido, analisar a representação do uniforme do enfermeiro, na língua portuguesa, em uma das principais ferramentas de busca da internet, permite fazer a relação dos resultados com a evolução histórica do uniforme do enfermeiro e tecer inferências sobre a representação da profissão na atualidade.

Alguns estudos que utilizam a metodologia de análise da qualidade de resultados de ferramentas de busca, analisaram sites, geralmente investigando os 200 primeiros resultados.⁶⁻⁷ No presente estudo, por tratar-se de análise iconográfica optou-se por analisar as 30 primeiras imagens ordenadas pelo Google Imagens, utilizando as palavras "enfermeiro" e "enfermeira" de forma independente.

Segundo o dicionário de Língua Portuguesa Aurélio, de 2010, a palavra *enfermagem* significa “arte ou função de cuidar de enfermos”, “os serviços de enfermagem”, sendo enfermagem o “setor no hospital que se destina a internação de doentes”. A palavra *enfermeiro*, para o Brasil, segundo o mesmo dicionário, trata-se de substantivo masculino que significa “indivíduo diplomado em Enfermagem, ou que a exerce”, aquele que “cuida de enfermos”, portanto significa pessoa diplomada em Enfermagem do sexo masculino ou feminino, ou pessoa do sexo masculino ou feminino que cuida de pessoa doente.⁸ Entretanto, na língua portuguesa a palavra *enfermeira* também é utilizada, apesar de não constar no referido dicionário. A palavra *enfermeira*, como substantivo feminino, é popularmente utilizada com o conceito de pessoa diplomada em Enfermagem do sexo feminino, ou erroneamente utilizada, assim como no dicionário referido, como pessoa que cuida de enfermos, do sexo feminino.

A Lei do Exercício Profissional de Enfermagem e sua regulamentação vigente no Brasil são de 1986 e determinam que são *enfermeiros*, formados no Brasil, exclusivamente os portadores de diploma de Enfermeiro, conferido por instituição de ensino superior ou portadores do diploma de Obstetriz ou de Enfermeira Obstétrica.⁹ Ou seja, cuidar de doentes, como definido no dicionário de Língua Portuguesa mencionado, não confere o título legalmente reconhecido de *enfermeiro* no Brasil. Para isso, é necessária a formação científica/acadêmica conforme especificações mencionadas na Lei. Entretanto, é usual no país, por desconhecimento da lei, que muitas pessoas sejam chamadas de *enfermeiro* ou *enfermeira* sem os títulos acadêmicos referidos.

O fato do dicionário, de língua portuguesa, mais conhecido no Brasil dar margem a interpretação equivocada de que *enfermeiro/enfermeira* pode ser aquele que cuida de doentes, sem restrição à formação acadêmica exigida, pode dificultar o esclarecimento dos brasileiros.

Dessa forma, considerando as definições da língua portuguesa, já apresentadas, ao utilizar as palavras *enfermeiro* ou *enfermeira*, na ferramenta de busca google imagens, na questão de representação de sexo, era esperado que a palavra *enfermeiro* tivesse como resultados, imagem de pessoas do sexo feminino ou masculino e a palavra *enfermeira* apenas pessoas do sexo feminino.

A ferramenta de busca Google, apresenta resultados de busca a partir de um cálculo matemático denominado PageRank, que transforma todas as páginas da internet em um número único, independente do conteúdo da página, cuja especificação analisa a localização da página na estrutura gráfica da rede mundial de computadores. Segundo os criadores, o cálculo permite que a ordenação dos resultados da pesquisa sejam aqueles com maior qualidade. O PageRanks também pode ser utilizado para estimação de tráfego e navegação do usuário.¹⁰ Nesse sentido, as 30 primeiras imagens recuperadas da busca utilizando as palavras *enfermeiro* ou *enfermeira* deveriam representar os mais úteis para o usuário. Um total de 60 imagens foram analisadas.

Para identificação de símbolos no uniforme do enfermeiro e sua análise utilizou-se a matriz de análise para texto fotográfico, desenvolvida por Porto e Santos, em 2007, composta pelos itens: dados de identificação, dados para o plano de expressão, dados para o plano de conteúdo e dados complementares.¹¹

A busca foi realizada no mês de junho de 2016, utilizando as palavras *enfermeiro* e *enfermeira* de forma independente. Para que não ocorresse a possibilidade de mudança da ordem de resultados da primeira busca foi utilizado o recurso de *print screen*, que faz uma fotografia das informações na tela do computador e conferida durante todo o processo.

A imagem foi posteriormente copiada para análise, assim como seu link e produção de uma síntese sobre o conteúdo do site. Como critério de inclusão foi estabelecido apenas imagens que continham representação do uniforme e/ou traje do *enfermeiro/enfermeira*, ou uma representação simbólica do profissional e do uniforme e/ou traje *enfermeiro/enfermeira* (geralmente envolvendo um modelo), seja com fins comerciais, acadêmicos, artísticos ou outros. Essas informações foram conferidas mediante avaliação dos dados do site onde a imagem estava inserida e a necessidade de inferência clara de que a pessoa na imagem representa um *enfermeiro* ou *enfermeira*. Como critérios de exclusão foi estabelecido imagens sem a presença de uma pessoa, desenhos e/ou ilustrações, que não apresentavam inferência clara ao *enfermeiro* ou *enfermeira* e sites que não se referiam aos profissionais de Enfermagem.

Os resultados foram tabulados utilizando a matriz de análise com o auxílio de planilhas do programa Microsoft Excel 2010®. Nos resultados ordenados de busca utilizando as palavras *enfermeiro* e *enfermeira*, foram analisados o site de origem e suas informações, a quantidade de pessoas que representam o profissional, quantidade de homens e mulheres, presença de cliente, apresentação geral, atitude do profissional, tipo e cor do uniforme, presença de jaleco e símbolos agregados ao uniforme.

Resultados

Busca palavra enfermeiro

Por trata-se, em sua maioria de representações não reais, para utilização em determinados fins, a pessoa retratada como *enfermeiro*, será aqui denominado nos resultados como “enfermeiro”, pois em geral trata-se de uma representação do profissional e não a imagem de um *enfermeiro* em si. Das 30 primeiras imagens, duas (2) foram excluídas por não atender os critérios de inclusão, pois não apresentava claramente uma pessoa na imagem. Portanto, o *corpus* documental de análise foi composto de 28 imagens.

No total as 28 imagens representaram 77 “enfermeiros”, sendo 46 (60%) mulheres e 29 (38%) homens e dois “enfermeiros” representados não possibilitaram identificação de sexo. Além disso, 6 (21%) imagens representaram clientes em situação de cuidado com sete(7) “enfermeiros”. Em 4 dessas imagens, pelo menos um “enfermeiro” está sorrindo para o cliente, sendo que 3 imagens o “enfermeiro” realiza “toque terapêutico”. Em três imagens, pelo menos um “enfermeiro” está com a face séria realizando os cuidados de medida da pressão arterial, medida da temperatura e na última mantém-se ao lado do paciente sem realização de cuidado direto. Em cinco(5) das imagens com paciente, pelo menos um “enfermeiro” é representado utilizando um estetoscópio ao redor do pescoço. Quanto à hexis corporal, a atitude de sorrir, com ou sem o paciente parece ser algo recorrente na representação do “enfermeiro”, visto que 23(82%) das 28 imagens analisadas apresentavam o profissional sorrindo, na presença ou ausência do paciente. Destaca-se que 10(36%) das imagens apresentam pelo menos um “enfermeiro” de braços cruzados, demonstrando imponência e/ou orgulho.

Em relação ao uniforme, 31 (40%) dos “enfermeiros” utilizavam jaleco branco, 36 (47%) utilizavam uniforme semelhante ao utilizado em centro cirúrgico, denominado *uniforme privativo*, composto por blusa e calça, na cor azul, 4 (5%) na cor vermelha, 3 (4%) na cor rosa e 9 (12%) utilizavam uniformes brancos.

Utilizando-se a matriz de análise foi possível identificar os seguintes símbolos ligados ao uniforme do “enfermeiro”: 24(86%) das imagens analisadas continham no total 47 (61%) “enfermeiros” representados com estetoscópios ao redor do pescoço, avaliando o

paciente ou nas mãos. Houve ainda a presença de pranchetas (11 “enfermeiros” – 14%) em 11 imagens (39%). Em 11(39%) imagens, pelo menos um “enfermeiro” apresentou junto ao seu uniforme, ou manuseando, uma caneta, 4(14%) imagens identificou-se uso de relógio e outras 4(14%) presença de “enfermeiros” usando gorro cirúrgico e máscara (2 imagens – 7%)

Busca palavra enfermeira

Segundo o mesmo padrão adotado para busca *enfermeiro*, a pessoa retratada como *enfermeira*, nas imagens, será denominada “enfermeira” nos resultados a seguir.

O resultado para a busca *enfermeira*, que representa exclusivamente o sexo feminino, em sua definição, teve um resultado muito discrepante em relação à pesquisa de imagens utilizando a palavra *enfermeiro*.

Todas as 30 imagens atenderam o critério de inclusão, 35 profissionais são retratadas sendo 32 (91%) do sexo feminino e 3(9%) do sexo masculino, mas a aparição masculina deu-se em imagens onde a “enfermeira” também é retratada. Das 30 imagens, 16(53%) retratam a “enfermeira” em situação profissional, compatível com a legislação brasileira. Essas 16 imagens, para facilitar a compreensão, serão denominadas, a diante, de Grupo A.

Considerando o número total de imagens, no Grupo A, em 5(17%) imagens a “enfermeira” está representada em forma de desenho e outras 5 (17%) imagens representaram clientes em situação de cuidado. Em 2 imagens, a “enfermeira” está sorrindo para o cliente e em 1 imagem realiza “toque terapêutico”. Em 2 imagens a “enfermeira” está com a face séria realizando os cuidados de medida da pressão arterial ou medida da temperatura. Em 3 das imagens com paciente, pelo menos uma “enfermeira” é representada utilizando um estetoscópio.

Ainda no Grupo A, em relação ao total de imagens, quanto à hexis corporal, 13(43%) imagens analisadas apresentavam “enfermeira ou enfermeiro” sorrindo, na presença ou ausência do paciente e não houve imagens com “enfermeiras” de braços cruzados, demonstrando imponência ou orgulho.

Em relação ao uniforme do Grupo A, 10 (29%) das “enfermeiras” utilizavam jaleco branco, 09 (26%) utilizavam *uniforme privativo* na cor azul, e 1 (3%) na cor rosa e 2 (6%) utilizavam uniformes brancos.

Utilizando-se a matriz de análise, no Grupo A de imagens, foi possível identificar os seguintes símbolos ligados ao uniforme da “enfermeira”: 10 (29%) “enfermeiras” utilizam estetoscópios ao redor do pescoço, avaliando o paciente ou nas mãos. Houve ainda a presença de pranchetas (7 imagens-23%). Em 5(17%) imagens pelo menos uma “enfermeira” apresentou junto ao seu uniforme, ou manuseando, uma caneta e 1(3%) imagem identificou-se uso de relógio e outras 2(7%) presença de “enfermeiras” usando gorro cirúrgico, 6(20%)imagens a presença da touca (5 das imagens da “enfermeira” com touca eram desenhos) e máscara (2 imagens – 7%).

Em outras 14(47%) imagens a “enfermeira” está associada à imagem de erotismo, explicado pelo fato de 13 (43%) das imagens serem originárias de sites de venda de produtos eróticos, com a apresentação da “enfermeira” semi-nua, com intuito de venda de “fantasia de enfermeira”, cuja utilização seria no âmbito de festas à fantasia ou como instrumento para realização de fetiche sexual. Esse conjunto de imagens foi denominado de Grupo B. Os símbolos associados ao traje da “enfermeira” erotizada foram: a touca da “enfermeira” em todas as imagens (14), em 10 (33%) imagens, a cruz vermelha esteve presente no traje ou na touca. Além disso, uma imagem apresentou

uma cruz branca em fundo vermelho e em outra imagem uma cruz verde. Em três (3) dessas imagens houve a presença de estetoscópio.

Discussão

Considerando a busca da palavra *enfermeiro* deve-se considerar que, segundo o censo realizado pelo Conselho Federal de Enfermagem-COFEn, em 2010, no Brasil havia 287.119 enfermeiros, sendo 88% do sexo feminino e 12% do sexo masculino.¹² Nesse sentido, a representação do profissional masculino utilizando a palavra *enfermeiro* está hiperestimado (38% Google Imagens, contra 12% do censo brasileiro). Entretanto, esse não deve ser considerado um resultado negativo. Historicamente o cuidado, em sua maioria, tem recaído sobre a responsabilidade da mulher, inicialmente como parte de suas funções cotidianas e por isso, por vezes, desvalorizada. A história da Profissão de Enfermagem, apesar de não exclusiva da mulher, teve com Florence Nightingale uma forte conotação de profissão exclusiva ao gênero feminino. O longo das décadas isso implicou, em muitos países, em uma crença difundida de que a profissão é melhor desempenhada pela mulher.

Como consequência, essa crença pode ter colaborado para a redução do número de pessoas do sexo masculino interessados em tornarem-se *enfermeiros*. Nesse sentido, a representação social do *enfermeiro*, por pessoas no sexo masculino, na ferramenta Google, poderia colaborar para a desmistificação do estereótipo da Enfermagem como profissão mais adequada para a mulher. Mesmo que a representação feminina ainda tenha sido o dobro da representação masculina.

Entretanto, a busca com a palavra *enfermeira* mostrou dados discrepantes em relação à busca com a palavra *enfermeiro*, mas que se aproxima melhor da realidade da profissão, no Brasil, segundo o senso do Conselho Federal de Enfermagem-COFEn.

Considerando o conjunto de resultados utilizando as palavras *enfermeiro* e o Grupo A de resultados da busca da palavra *enfermeira*, infere-se que a representação do uniforme do enfermeiro na ferramenta de busca Google Imagens, não apenas modernizou-se, com pouca utilização de aspectos femininos, assim como, aproxima-se do ambiente hospitalar, uma vez que a maioria dos “enfermeiros” analisados na busca *enfermeiro* utilizava *uniforme privativo*, composto de blusa e calça, em diferentes cores e 40% desses utilizavam o jaleco branco. No Grupo A quase um terço (1/3) dos profissionais representados utilizavam *uniforme privativo* e/ou jaleco branco.

Considerando-se a trajetória do uniforme profissional na história, observa-se que esse grupo de imagens demonstra a perda de vários elementos do uniforme do *enfermeiro/enfermeira* construídos ao longo da história, em virtude não apenas da modernização, mas da necessidade de diminuir os índices de infecção hospitalar. O uso do *uniforme privativo*, desde que oferecido pela instituição e utilizado apenas no ambiente de trabalho, pode contribuir para redução de taxas de infecção cruzada. Por outro lado, essa “homogeneização” do uniforme dos profissionais provoca a perda da identidade visual da Enfermagem, uma vez que outras profissões da saúde estão seguindo o mesmo caminho.

Observa-se ainda a presença do jaleco como um resquício do uniforme branco, que por muito tempo foi símbolo de distinção do profissional de Enfermagem. Estudo canadense recente menciona que o abandono dos uniformes historicamente construídos para uso dos *uniformes privativos* (centro cirúrgico) dificulta a identificação do profissional pelo cliente e que isso poderia prejudicar negativamente a imagem profissional da Enfermagem. No estudo, clientes ordenaram uma sequência de fotos de

uma “enfermeira” com diferentes uniformes, de acordo com ideais de profissionalismo. A maioria dos clientes sinalizaram preferir a “enfermeira” que usava uniforme branco.¹³ A cor branca remete à ideia de pureza, feminilidade, virtude, com conotação virginal, além de demonstrar limpeza e inspirar confiança. Cientistas, profissionais pessoas ligadas à assistência de pessoas doentes utilizam branco, pois é uma cor que não confere ameaça ou intimidação e transmite confiança.¹⁴

Como principais símbolos localizados nesse conjunto de imagens, que se aproxima mais da realidade do profissional, destacaram-se os estetoscópios, as pranchetas, canetas, gorro e máscara cirúrgica. Esses resultados apresentam uma conotação positiva, pois esses símbolos transmitem a ideia da necessidade de conhecimento científico para sua utilização, por exemplo, o exame físico do cliente e a medida da pressão arterial. Além disso, a prancheta e a caneta demonstram competência do profissional para o registro de suas ações e poder para manuseio de informações importantes do cliente, assim como o gorro cirúrgico e a máscara representando ideias de controle de infecções e higiene.

As cinco imagens que representaram a “enfermeira” em forma de desenho, utilizou-se de símbolos do uniforme do *enfermeiro/enfermeira*, que historicamente representavam aspectos de importância do profissional no Brasil, mas que não se encontram mais em uso no Brasil, como a touca e a cruz vermelha ou verde. Aparentemente, no caso de desenhos, os artistas parecem carecer de símbolos tradicionalmente construídos, e de amplo reconhecimento pela sociedade, mas que talvez por falta de conhecimento da atualidade, continuam a ilustrar a “enfermeira” com esses símbolos.

Lais Netto dos Reys, diretora da Escola de Enfermagem Anna Nery, no Rio de Janeiro, Brasil, de 1938 a 1950, menciona que a touca tinha o papel de abranger a cabeça sinalizando a liderança de si, dessa forma a *enfermeira* e suas condutas estariam simbolicamente regidas por ideais de nobreza uma vez que a cabeça seria o centro nobre do organismo.¹⁵

Além disso, a cruz vermelha, apesar de utilizada por algumas escolas brasileiras, tem sua relação principal com a Cruz Vermelha Internacional, que contribuiu para uma ideia generalizada, que a imagem de uma mulher utilizando uniforme branco com o símbolo de cruz vermelha seria uma *enfermeira*, em virtude da criação de Escolas de Enfermagem por essa instituição internacional. Por sua forte difusão mundial, observa-se ainda a utilização equivocada do símbolo na atualidade.

No Grupo B destaca-se a utilização de estereótipos relatados na literatura de História da Enfermagem da “enfermeira” enquanto objeto sexual, também atrelado à função da imagem enquanto produto a ser comercializado. Estudo semelhante realizado nos anos de 2001 e 2004 analisou 296 web sites e concluiu que, de modo geral, havia uma imagem positiva da Enfermagem, atrelada à conhecimento científico. A maioria dos sites mostravam aspectos de inteligência, educação, competência e respeito. Contudo, houve diminuição de características como poder, autonomia científica e confiabilidade de 2001 para 2004, enquanto características como promiscuidade sexual e ser fisicamente atrativo, aumentaram.¹⁶

Conclusão

O presente estudo sinaliza que ao realizar a busca com a palavra *enfermeiro*, mostrou-se mais adequado à realidade profissional da Enfermagem e quanto à representação, os 30 primeiros resultados efetivamente mostraram maior confiabilidade na representação do profissional, conforme proposta do cálculo de ordenação do sistema Google Imagens. O uniforme apresenta-se modernizado, com características que eliminam, em sua maioria, os símbolos de distinção construídos historicamente, assim como sinaliza a adoção de

novos símbolos, como *uniformes privativos*, o estetoscópio, a prancheta, a caneta e a touca cirúrgica.

A busca com a palavra *enfermeira* mostrou-se pouco eficaz no ordenamento de sites confiáveis, uma vez que quase metade das imagens listadas entre as 30 primeiras incentivam a disseminação do estereótipo da enfermeira enquanto símbolo sexual e podem prejudicar o recrutamento de estudantes.

Estas questões devem ser palco de discussão dos órgãos reguladores da profissão em diversos países, das Escolas de Enfermagem e também dos profissionais, pois os dados de literatura apontam que esse é um estereótipo prejudicial e de difusão mundial.

Como limitações do presente estudo tem-se a impossibilidade de verificar se o uniforme retratado aproxima-se da realidade atual, visto a diversidade de modelos e a ausência de um padrão nacional. A quantidade de imagens analisadas ainda não permite uma generalização dos dados. A realidade do uniforme do *enfermeiro/enfermeira* brasileiros, assim como a ampliação da análise das imagens será tema de estudo futuro.

Bibliografia

1. Molina FJC, Gómez JAR. Uniformes e Imagen Social de los Cuidadores Profesionales: Centenario del Ilustre Colegio Oficial de enfermeira de Santa Cruz de Tenerife. Santa Cruz de Tenerife: Graficas Sabater; 2012.
2. Peres MAA, Barreira IA. Significado dos uniformes de enfermeira nos primórdios da enfermagem moderna. Esc. Anna Nery Rev Enferm. 2003;7(1):25-38.
3. Lurie A. A linguagem das roupas. Tradução Ana Luiza Dantas Borges. Rio de Janeiro: Editora Rocco; 1997.
4. Bates CA. Cultural History of the Nurse's Uniform. Quebec: Canadian Museum of Civilization; 2012.
5. Peres MAA, Padilha MICS. Uniforme como signo de uma nova identidade de enfermeira no Brasil. Esc. Anna Nery Rev Enferm. 2014 mar; 18 (1): 112-121.
6. Wang L, Wang J, Wang M, Li Y, Liang Y, Xu D. Using Internet Search Engines to Obtain Medical Information: A Comparative Study. J Med Internet Res . 2012; 14(3): 1-19. [citado 09 jun. 2016] Disponível em: http://www.jmir.org/article/viewFile/jmir_v14i3e74/2.
7. Ferreira D, Carreira H, Silva S, Lunet N. Assessment of the contents related to screening on Portuguese language websites providing information on breast and prostate cancer. Cad Saúde Pública. 2013 nov; 29 (11): 2163-2176.
8. Ferreira ABH. Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa. 8ªed. Curitiba: Positivo, 2010.
9. Brasil. Lei nº 7.498, de 25 de junho de 1986. Dispõe sobre a regulamentação do exercício da Enfermagem e dá outras providências. In: Conselho Regional de Enfermagem. Principais Legislações para o exercício da Enfermagem. 3ed. São Paulo: Conselho Regional de Enfermagem; 2015, p. 17-30.
10. Page L, Brin S, Motwani R, Winograd T. The PageRank Citation Ranking: Bringing Order to the Web. Technical Report. Stanford University InfoLab. Stanford, CA. 1999 1-17. [citado 09 jul. 2016]: Disponível em: <http://ilpubs.stanford.edu:8090/422/1/1999-66.pdf>
11. Porto F, Santos TCF. A enfermeira brasileira na mira do clique fotográfico (1919-1925). In: Porto F, Amorim WM, organizadores. História da Enfermagem Brasileira: lutas, ritos e emblemas. Rio de Janeiro: Águia Dourada; 2007. p. 24-188.
12. Conselho Federal de Enfermagem. Comissão de Business Intelligence. Análise de dados dos profissionais de enfermagem existentes nos Conselhos Regionais. Brasília:

Departamento de Tecnologia da Informação. 2011. [citado 14 jun. 2016]. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/pesquisaprofissionais.pdf>

13. Porr C, Dawe D, Lewis N, Meadus JR, Snow N, Didham P. Patient perception of contemporary nurse attire: a pilot study. *International Journal of Nursing Practice* .2014; 20:149-155. [citado 10 jul. 2016]. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/ijn.12160/pdf>

14. Fisher-Mirkin T. O Código do vestir: os significados ocultos da roupa feminina. Rio de Janeiro: Rocco; 2001.

15. Coelho CP. Escola de Enfermagem Anna Nery: sua história nossas memórias. Rio de Janeiro: Cultura Médica; 1997.

16. Kalisch BJ, Begeny S, Neumann S. The image of the nurse on the internet. *Nurs Outlook*. 2007; 55(4):182-188. [citado 23 jun. 2016] Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0029655406002478>.